

SOCIALIZAÇÃO PARENTAL DE ADOLESCENTES COM AUTISMO E COM DESENVOLVIMENTO TÍPICO

Cleomayra Tomaz da Silva ¹
Vitória Nunes Vidal ²
Maria Gabriela Vicente Soares ³
Lilian Kelly de Sousa Galvão ⁴

INTRODUÇÃO

A adolescência é considerada uma fase da vida em que ocorrem mudanças físicas (puberdade), cognitivas (maturidade cerebral) e psicossociais (relações parentais e amizades). Para que chegue a fase adulta, tais modificações biopsicossociais levam a mudanças nas relações parentais (Papalia, 2021).

Baumrind (1997) denomina a socialização parental (ou estilos parentais) como a união de diversas práticas educativas utilizadas pelos responsáveis para a interação com seus filhos/as variando de acordo com a cultura. Para fins de pesquisa, os estilos parentais têm sido organizados em quatro: Autoritário, Autoritativo, Permissivo Indulgente e Permissivo Negligente (MacCoby; Martin, 1983). Posteriormente, Musitu e García (2001) realizaram a categorização de cada um deles variando de acordo com duas dimensões, sendo elas, o nível de Aceitação (afeto, diálogo, indiferença e displicência) e de Coerção (coerção verbal, coerção física e privação).

Pais Autoritários apresentariam um nível alto de Coerção porém baixa Aceitação, já os pais Autoritativos apresentam altos níveis tanto de Coerção como de Aceitação, por outro lado, os considerados Permissivos Indulgentes são caracterizados com baixo nível de Coerção e alto de Aceitação e, por fim, os pais denominados como Permissivos Negligentes encontram-se com baixos níveis tanto de Aceitação como de Coerção (Musitu; García, 2001).

O uso desses estilos de socialização pode variar em função das configurações familiares, vivências e condições socioeconômicas, entre eles, a presença do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) em filhos/as (Kobarg, 2010). O TEA apresenta como

¹ Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, cleomayrasilvat@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, vickynunesvidal@gmail.com;

³ Mestranda do Curso de Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, mgabriela.psicop@gmail.com;

⁴ Professora orientadora: Professora da UFPB, Doutora em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba - PB, liliangalvao@yahoo.com.br.

uma de suas características diagnósticas dificuldades na comunicação e interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento (APA, 2022).

Atualmente, é possível perceber a presença de diferentes pesquisas que abordam a temática de socialização parental, entretanto, são escassas quando relacionadas com o TEA, principalmente no Brasil (Carvalho, 2023).

Uma pesquisa quantitativa realizada por Nurhidayah (2020) em três escolas na Indonésia com 32 pais de autistas apresentou como resultado a predominância do estilo parental Autoritário (43,8%), enquanto o estilo menos frequente foi o Permissivo (25%). Já outro estudo (Maljaars et. al., 2013) europeu comparou a socialização parental de mães de pessoas com TEA (n = 552) e com desenvolvimento típico (n = 437), e obteve como resultado que o grupo de mães atípicas apresentou baixa pontuação em regras e disciplina e altas pontuações em parentalidade positiva.

Nesse sentido, essa pesquisa tem por objetivo geral investigar se a presença do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista dos filhos/as se relaciona com o uso de técnicas de socialização de maior Aceitação e/ou maior coerção. Já como objetivos específicos, foram selecionados: (1) Comparar o uso de técnicas de Aceitação entre mães de adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e mães de adolescentes em desenvolvimento típico; (2) Comparar o uso de técnicas de Coerção entre mães de adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e mães de adolescentes em desenvolvimento típico.

METODOLOGIA

Participantes

Participaram deste estudo 28 mães de adolescentes de 12 a 16 anos (M= 13,25; DP= 1,17) sendo 14 mães de adolescentes com desenvolvimento típico (50%) e 14 mães de adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (50%). Dessas mães, 67% eram casadas, 14% solteiras, 3% eram divorciadas e 14% preferiram não informar. Além disso, 64,% relataram que a média da renda familiar mensal era acima de R\$3.000.

Instrumentos

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a Escala de Socialização Parental (ESPA-29) desenvolvida por Musitu e García (2001), em sua adaptação para utilização com mães, realizada por Chaves (2018), escolhida com o intuito de avaliar os estilos de socialização parental a partir das dimensões de Aceitação/Implicação e Coerção/Imposição.

A escala inclui sete itens que medem níveis de Aceitação (afeto, diálogo, indiferença e displicência) e níveis de Coerção (coerção verbal, coerção física e privação). Na estrutura, ela possui 29 situações que se encontram na terceira pessoa (ex.: “Se quebra ou estraga alguma coisa da nossa casa”) que devem ser avaliadas pelas mães em uma escala tipo likert de 4 pontos, sendo: (1) para “nunca”; (2) para “algumas vezes”; (3) para “muitas vezes” e (4) para “sempre”.

Também se aplicou um questionário sociobiodemográfico para coletar informações das mães (ex: idade, nível escolar, renda familiar, etc.) e do seu filho/a (ex: idade, se frequenta a escola regularmente, se possui algum diagnóstico ou se possui outro diagnóstico além do TEA, se faz terapias, etc.).

Procedimento da Coleta de Dados

Todas as etapas éticas provenientes das recomendações da Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde foram seguidas. Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos as coletas de dados foram iniciadas em instituições privadas e públicas por meio de um QR Code disponibilizado pelos pesquisadores e uma busca via redes sociais.

As mães que atenderam aos critérios de inclusão receberam via Whatsapp ou QR Code o link constando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e os instrumentos supracitados. Ao aceitarem participar e assinarem o TCLE, a pesquisa foi seguida por meio do Google forms em que elas respondiam de forma individual e totalmente virtual.

Análise de dados

A análise de dados foi realizada utilizando o Statistical Package for Social Science (SPSS), versão 25. Inicialmente, com o intuito de comparar os índices de socialização parental entre os dois grupos populacionais (mães de adolescentes com TEA e em Desenvolvimento Típico), foi realizado um Teste t para amostras independentes. Em seguida, análises descritivas e de frequência foram conduzidas com o intuito de caracterizar a amostra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nível Aceitação - afeto, diálogo, displicência e indiferença

Na dimensão de Afeto, as mães de adolescentes com TEA pontuaram com uma média de 44,5 (DP = 6,7), enquanto as mães de adolescentes com desenvolvimento típico pontuaram

com uma média de 39,1 (DP = 5,6). O teste t revelou que essa diferença foi estatisticamente significativa, $t(38) = 2,21$, $p = 0,03$, indicando que, para este recorte populacional, as mães de adolescentes com TEA relatam níveis mais altos de Afeto quando comparadas com o grupo de mães de adolescentes com desenvolvimento típico .

Na dimensão de Diálogo, os resultados foram semelhantes, as mães de adolescentes com TEA apresentaram uma média de 54,5 (DP = 10,8), enquanto as mães de adolescentes com desenvolvimento típico tiveram uma média de 44,0 (DP = 8,0). O teste t mostrou que essa diferença foi estatisticamente significativa, $t(38) = 2,81$, $p = 0,007$, sugerindo que as mães de adolescentes com TEA dizem manter diálogos mais frequentes com seus filhos/as do que mães de adolescentes com desenvolvimento típico .

Na dimensão de Displícência, as mães de adolescentes com TEA pontuaram com uma média de 19,3 (DP = 3,2), enquanto as mães de adolescentes com desenvolvimento típico pontuaram com uma média de 24,0 (DP = 3,6). O teste t revelou que essa diferença foi estatisticamente significativa, $t(38) = -2,82$, $p = 0,007$, sugerindo que as mães de adolescentes com TEA se consideram menos Displícientes do que as mães com filhos/as com desenvolvimento típico .

Na dimensão de Indiferença, as mães de adolescentes com TEA obtiveram uma média de 19,7 (DP = 6,1), enquanto as mães de adolescentes com desenvolvimento típico apresentaram uma média de 24,0 (DP = 3,6). Esta diferença foi estatisticamente significativa, $t(38) = -2,22$, $p = 0,03$, indicando que as mães de adolescentes com TEA acreditam apresentar menos Indiferença em relação a seus filhos/as do que mães de adolescentes com desenvolvimento típico .

Os resultados dessa primeira etapa da análise vão de acordo com o estudo realizado por Maljaars et al. (2013), que obtiveram como resultado que mães atípicas apresentam maiores níveis de parentalidade positiva.

Com isso, é esperado que possuam também baixos níveis de Indiferença e Displícência. Além disso, a literatura traz que altos níveis de Aceitação podem se relacionar com os estilos parentais Autoritativo e/ou Permissivo indulgente (Musito; Garcia, 2001)

Nível Coerção - privação, coerção verbal e coerção física

Na dimensão de Privação, as mães de adolescentes com TEA apresentaram uma média de 37,7 (DP = 9,7), enquanto as mães de adolescentes com desenvolvimento típico apresentaram uma média de 32,7 (DP = 11,5). No entanto, essa diferença não foi estatisticamente significativa, $t(38) = 1,24$, $p = 0,22$.

Na dimensão de Coerção Verbal, as mães de adolescentes com TEA pontuaram com uma média de 44,5 (DP = 10,1), enquanto as mães de adolescentes com desenvolvimento típico pontuaram com uma média de 35,2 (DP = 10,0). Esta diferença foi estatisticamente significativa, $t(38) = 2,39$, $p = 0,02$, indicando que as mães de adolescentes com TEA recorrem mais à Coerção Verbal do que as mães de adolescentes com desenvolvimento típico.

Na dimensão de Coerção Física, as mães de adolescentes com TEA apresentaram uma média de 17,2 (DP = 1,77), enquanto as mães de adolescentes com desenvolvimento típico apresentaram uma média de 18,9 (DP = 2,7). Esta diferença não foi estatisticamente significativa, $t(38) = -1,87$, $p = 0,07$.

Em síntese, sobre o uso da Coerção na comparação entre o grupo de mães com filhos/as com desenvolvimento típico e filhos/as com TEA, constata-se que a Coerção Verbal é mais usada por mães de adolescentes em desenvolvimento típico.

Quando o assunto é uso de técnicas parentais de socialização, como dito anteriormente, há divergências de resultados, um estudo preexistente (Nurhidayah, 2020) apresenta como resultado a predominância de estilo parental Autoritário em famílias com filhos/as com TEA enquanto outro estudo (Maljaars et. al., 2013) resulta que mães atípicas possuem baixa pontuação em regras e disciplina e altas pontuações em parentalidade positiva. Essas divergências podem ser explicadas pelas diferentes culturas e vivências presentes ao redor do mundo que interferem diretamente com a socialização parental (Kobarg, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que o objetivo do presente estudo foi alcançado. Os resultados indicam que o grupo de mães de adolescentes com TEA apresentam maiores níveis de Afeto, Diálogo e Coerção Verbal para com seus filhos/as quando comparado ao grupo de mães de adolescentes em desenvolvimento típico. Já em relação às dimensões de Indiferença e Displícência, o grupo de mães de adolescentes típicos pontuaram superior ao outro grupo de mães com adolescentes com TEA. Por fim, em relação às dimensões de Privação e Coerção Física, os dois grupos não apresentaram diferença, estatisticamente significativa, na pontuação.

É importante destacar que esses resultados são preliminares, pois a pesquisa ainda está em progresso. Futuramente, será realizada uma análise de dados com um grupo amostral maior para que seja possível realizar uma compreensão mais fidedigna e precisa das diferenças na socialização parental entre mães de adolescentes com desenvolvimento típico e

mães de adolescentes com TEA. Espera-se que seja encontrado, após a análise mais ampla, resultados mais significativos e conclusivos.

Palavras-chave: Socialização parental, Adolescentes, Transtorno do Espectro Autista, Desenvolvimento típico.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5-TR)**. 5. ed. Washington: Associação Psiquiátrica Americana, 2022.

BAUMRIND, D. **O encontro com a disciplina:** questões contemporâneas. *Agressão e Comportamento Violento*, v. 2, p. 321-335, 1997.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Conselho Nacional de Saúde**. Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>.

CARVALHO, M. **Práticas de socialização parental e agressão em crianças com Transtorno do Espectro Autista**. Programa de pós-graduação em Psicologia Social. Dissertação de Mestrado, 2023.

CHAVES, C. M. C. M. et al. **Socialização materna e comportamentos agressivos: percepção de mães de crianças com síndrome de Down e em desenvolvimento típico**. 2018. Tese (Doutorado), Programa de Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba, 2018.

KOBARG, A. P. R. et al. Validação da Escala de Lembranças sobre Práticas Parentais (Embu). **Avaliação Psicológica**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, 2010.

MAENNER, M. J. et al. Prevalence and Characteristics of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years - Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 sites, United States, 2020. **Surveillance Summaries**, v. 72, n. 2, 2023.

MACCOBY, E. E. et al. Socialization, personality, and social development. **Handbook of child psychology**, v. 4, p. 1-101, 1983.

MALJAARS, J. et al. Comportamento parental materno e problemas de comportamento infantil em famílias de crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. **Jornal de autismo e transtornos do desenvolvimento**, v. 44, n. 3, p. 501-512, 2013.

MUSITU, G.; GARCÍA, F. **ESPA29: Escala de estilos de socialización parental en la adolescencia**. Madrid, Spain: Tea, 2001.

NURHIDAYAH, I. et al. Estilo parental entre pais de uma criança com transtorno do espectro do autismo. **Jornal Indiano de Pesquisa e Desenvolvimento em Saúde Pública**, v. 2020.

PAPALIA, D. E.; MARTORELL, G. **Desenvolvimento Humano**. 14. ed. McGraw Hill Brasil, 2021.